

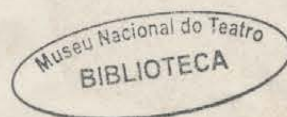
O ARCO DE SANT'ANA

Cenas e personagens baseadas no romance
homónimo de Almeida Garrett

Miguel Rovisco

Só um grande autor teria a coragem e
a graça de escrever a meio de uma das
suas obras: "Está-me parecendo que sou
um grande pateta."

1986



PERSONAGENS

Vasco

Gertrudes

Aninhas

Bispo do Porto

Pêro Cão

Fr. André da Arrifana

Rui Vaz

Garci Vaz

Martim Rodrigues

Briolanda

Taberneira

e ainda dois juizes do povo, populares, homens do bispo, um camareiro...

Portugal, século XIV.

PRIMEIRO ACTO

CENA I

Noite.

Rua de Sant'Ana na cidade do Porto: estreita, com casas de ambos os lados. Ao fundo um velho arco com um altar, onde se encontra uma imagem de Santa Ana iluminada fracamente por uma lâmpada.

Abre-se uma janela de um primeiro andar esquerdo; uma voz baixinha: "Aninhas ! Menina, ouves ? Sou eu: Aninhas ?" Silêncio. Fecha-se a janela.

Alguém sai pé ante pé de uma das casas à direita, dirige-se ao arco e ajoelha-se diante do pequeno altar da santa: é Aninhas, com uma longa camisa azul e um xaile pelas costas.

Uma porta da esquerda abre-se e sai Gertrudes, com uma longa camisa branca e um xaile.

Gertrudes (Chamando da porta.) Aninhas , pst ! Ouves ?... (Com impaciência, senta-se num dos degraus à entrada de sua casa.)

Aninhas benze-se e dá uma corrida silenciosa até à amiga.

Aninhas (Assustada.) Pareceu-me ver um homem: ali, por baixo do arco. (Senta-se também num degrau, escondendo o rosto no colo da outra jovem.) Sant'Ana, Sant'Ana, Sant'Ana...

Gertrudes - Pois não há homem nenhum: de onde eu estou, até lhe veria a sombra - mas nada, ninguém ! Toda a vizinhança dorme já. Que silêncio de horas mortas ! Como se as horas dormissem... e tu sempre com medo. Em toda a cidade so não devem pregar olho, sabe-se bem porquê, o bispo ou Pêro Cão - figas para eles ! (Gesto de figas. Começa a entrançar os cabelos soltos da amiga.)

Aninhas - Logo te lembraram esses dois fariseus. Que a Senhora Sant'Ana os confunda !

Gertrudes - Amen ! E justiça de el-rei D.Pedro - quieta com a cabeça, menina - caia sobre eles.

Aninhas - Ai Gertrudinhas, que se os santos de Deus me não valem não sei o que será de mim. Justiça do nosso rei, dizes tu: mas nesta cidade nunca o rei ou o povo puderam nada contra os seus tiranos - o bispo é quem manda, são suas as ordens, os abusos... só ele é o dono do Porto. El-rei está longe e os meus inimigos, tão perto !

Gertrudes - Repara: o luar como bate nas pedras ! Parece até que ondulam, feitas de água - e toda a rua é agora um rio, à beira do qual nos sentamos a contar segredos. Não receies... oh, um peixe !

Aninhas (Espantada.) Onde ?

Gertrudes (Apontando para uma pedra da rua.) Acolá.

Aninhas - Tonta !

Gertrudes - Tonta, tu: el-rei livrar-nos-á do bispo - figas !

Aninhas - Figas !

Gertrudes - ...e dos cães que o servem...

Aninhas - Figas !

Gertrudes - ...pois esta é a vontade dos habitantes do Porto.

Aninhas - Eu não sou lida nem sabida como tu. O meu pai não é um rico caldeireiro - rico e pançudo...

Gertrudes - Oh ! (Dá um puxão na trança que faz à amiga.)

Aninhas - Ai !... e não tenho um tio médico, sempre atrás de el-rei para o servir. Cá eu

— larga-me os cabelos — sou a pobre mulher de um ourives.

Gertrudes - És o exemplo das esposas honradas: se assim fossem todas, já este bispo e os frades trapaceiros não fariam o que fazem. Mas também o teu marido... — calo-me.

Aninhas - Fazes bem: é um santo homem.

Gertrudes - Não, não me calo nada: olha que to digo aqui, na presença da santa que nos ouve... Quem mandou o teu Afonso ir para Lisboa, a troco de receber essas dívidas que só Deus sabe se ele as haverá por fim? Agora que é feito do homem? Para lá foi, por lá anda, e tu sozinha com o teu pequerrucho que ainda nem fala.

Aninhas (Levantando-se.) Tenho uma coisa no coração que me agoira grande mal. Como um pressentimento de morte.

Gertrudes - Credo !

Aninhas - Agora não gracejes.

Gertrudes - Parece andar, assim descalça, sobre as águas do nosso rio...

Aninhas - Todo o mal me vem daquele bispo, que é a ruína desta cidade — ele e os seus cobradores e os seus espiões e toda a gente da Sé.

Gertrudes - Ai que te afundas entre as pedras do rio ! Não há-de ser como dizes, Aninhas: Deus há-de acudir-nos.

Aninhas - Nós estamos à mercê de gente maldosa — coisa negra cá dentro de mim ! El-rei, mesmo querendo, não pode...

Gertrudes (De pé num pulo.) Há-de poder: a sua espada afugentará os opressores do povo. Oh, a lua cheia ! Assim, assim o brilho da justiça !

pausa breve.

Aninhas (Hesitante.) Ainda hoje veio a minha casa aquele... tu sabes...

Gertrudes (Com nojo.) Esse ?

Aninhas - Maldito criado do bispo, esconjurado leva-e-traz, que de manhã rouba o povo como cobrador de impostos e de tarde faz o ofício de demónio tentador, a desinquietar quantas mulheres honestas há na cidade.

Gertrudes - Péro Cão, cuspe de cão !! (Benze-se.) Que te disse ele ?

Aninhas - Os recados do costume: que tivesse eu mais juízo; que fosse onde me convidavam; não escorraçasse a fortuna que me batia à porta... o seu amo isto, o seu amo aquilo... que se eu teimasse na recusa nunca mais veria o meu Afonso, que me poriam a pão e água como forçado em galés. Trouxe-me ainda presentes de ricas pedras, que me lançou no regaço, e teimou tanto até que eu...

Gertrudes - Até o quê, menina ?

Aninhas - Arremessei-lhas à cara com quanta força tinha - bem lindas eram, pérolas espalhadas pelo chão !

Gertrudes (Fechando os olhos.) É como se as visse !

Aninhas - O criado fez-se negro de raiva com o insulto e foi-se embora rosnando: "Tu mo pagarás, malvada !" (Pausa.) Tenho tanto medo ! Que podemos fazer para afastar o mal, duas mulheres sós ? Escuta este silêncio de horas mortas...

Gertrudes - "Sós" é mentira: tu tens Sant'Ana, tua madrinha de baptismo, e eu o meu Vasco, que fará um milagre sem ser santo. (Pausa.) Ficas-te calada: então é porque duvidas das minhas palavras.

Aninhas (Desconfiada.) O teu Vasco ! Há-de-se atrever ele contra o bispo que o protege e de quem está dependente ? Além disso o seu tio frade... - boa peça !

Gertrudes - Vasco é tão obediente ao bispo como eu ao mouro de Granada ! (Tapando a bo-

ca à amiga, suavemente.) Pxiu...pxiu... não magoes esta noite com as tuas palavras. E se eu te revelar um segredo ? Ainda hoje — tonta, que duidavas ! — Vasco partirá para onde se encontra el-rei. Verdade ! Dar-lhe-á notícias de tudo quanto se passa dentro dos muros do Porto — e D. Pedro que nos valha com a sua justiça. Vê que segredo tamanho te conto esta noite !

Aninhas - Não sou tão optimista como tu, Gertrudes: sempre, desde que há sempre, os senhores da Igreja agiram a seu prazer. Nesta cidade mandam eles.

Gertrudes (Suspirando.) Oh, eu sei lá, ás vezes...

Pausa.

Aninhas - Também tu pressentes que um grande mal nos está para acontecer. Esta coisa negra que nos aperta o coração... — negra retinta à luz do imenso luar !

Gertrudes - Disparates.

Aninhas - Hei-de ver-me nas ~~prisões~~ prisões dos Paços... — e nunca mais.

As duas amigas abraçam-se.

Gertrudes (Reagindo.) Ora, a pieguice ! Vai-te deitar, Aninhas, que é tarde: amanhã saberás boas novas, juro-te. Pois uma rapariga como tu, que deita pedras preciosas à cara dos algozes...

Aninhas- Isso fiz.

Gertrudes - ... e ainda receias ? Há lá homem que te ponha na prisão, menina ! Ora tu !

Aninhas (Sorrindo.) Boa noite.

Gertrudes - Adeus, Aninhas. (Vendo a amiga que se afasta.) A trança ~~que te fiz~~, como se